

# A DESCOBERTA DO FRIO: TESTEMUNHO E TRAUMA COLETIVO DO RACISMO NA NARRATIVA DE OSWALDO DE CAMARGO

A DESCOBERTA DO FRIO: TESTIMONY AND COLLECTIVE TRAUMA OF RACISM  
IN OSWALDO DE CAMARGO'S NARRATIVE

Carlos Ferreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de analisar a relação entre testemunho e trauma coletivo do racismo na novela *A descoberta do frio* (2011 [1979]), de Oswaldo de Camargo, buscando compreender em que medida a violência do empreendimento colonial europeu, marcado pela diáspora forçada, pela escravização em massa e pela invisibilização do Negro são representados como eventos-limite numa literatura em que emerge o Negro não como o outro, aquele de quem se fala, mas na posição de sujeito de sua própria história. A partir de conceitos dos estudos pós-coloniais e de um entrelaçamento entre a noção de testemunho e de história a contrapelo, busco apresentar como a escrita Negra, da qual Oswaldo de Camargo é um dos autores mais influentes, opera um trabalho de escovar a própria literatura a contrapelo, contestando as verdades ditas oficiais propagadas pelos chamados *vencedores* e denunciando a lógica perversa e violenta da colonização. Pela via da rememoração desses eventos traumáticos, a escrita de Camargo coloca o dedo na ferida e se coloca como representativa da tarefa (re)construção da memória coletiva de Negras e Negros no Brasil, apontando, de maneira incisiva, a verdade incômoda do racismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura brasileira; literatura negra; memória; testemunho.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the relationship between testimony and the collective trauma of racism in the soap opera *A Descoberto do Frio* (2011 [1979]), by Oswaldo de Camargo, seeking to understand to what extent the violence of the European colonial enterprise, marked by the forced diaspora, mass enslavement and the invisibilization of the Black are represented as limiting events in a literature in which the Black emerges not as the other, the one spoken of, but in the position of the subject of his own history. Based on concepts from post-colonial studies and an interweaving between the notion of testimony and history

<sup>1</sup> Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – Brasil. Professor Colaborador da Universidade Estadual de Ponta Grossa - Brasil. E-mail: [carlosferreira@uepg.br](mailto:carlosferreira@uepg.br)

against the grain, I seek to present how Black writing, of which Oswaldo de Camargo is one of the most influential authors, operates a work of brushing up its own literature against the grain, contesting the so-called official truths propagated by the so-called winners and denouncing the perverse and violent logic of colonization. Through the remembrance of these traumatic events, Camargo's writing puts his finger on the wound and represents the task of (re)building the collective memory of Blacks and Blacks in Brazil, pointing out, in an incisive way, the uncomfortable truth of racism.

**KEYWORDS:** brazilian literatura; black literatura; memory; testimony.

## 1 Introdução

*[...], mas há essa dor de outros tempos*

*e corpos*

*essa rosa dos ventos sem norte*

*na memória sitiada da noite [...].*

*Paulo Colina*

O objetivo deste artigo é discutir alguns aspectos da novela *A descoberta do frio* (2011 [1979]), de Oswaldo de Camargo, apontando, na obra, as tensões e percalços experienciados pelo Negro<sup>2</sup> brasileiro. O trabalho de Oswaldo é apontado como de extrema importância por estudiosos da literatura Negra no Brasil e isso não apenas por ele ser um dos maiores escritores Negros de sua geração, mas, também, pelo fato de sua escrita representar, pela via da memória, os traumas aos quais a população Negra brasileira foi submetida ao longo de mais de três séculos de um processo de colonização marcado pela violência, pela diáspora forçada e pela escravização. Baseando-me em trabalhos

---

<sup>2</sup> A opção por grafar as palavras “Negra” e “Negro”, bem como seus vocábulos derivados, se deu a partir da leitura de *Memórias da plantação* (2019 [2008]), de Grada Kilomba. Nesse trabalho, a pensadora aponta que, no inglês, *Black* é comumente escrito com B maiúsculo para destacar a luta dos movimentos de resistência Negros nos EUA e a consolidação do *Black* não como cor, e sim, como identidade política.

como os de Bernd (1988); (Cutí (2009); Halbwachs (1990 [1950])); Kilomba (2019); e Seligmann-Silva (2003; 2005; 2010), entre outros, pretendo demonstrar como a literatura produzida por Oswaldo de Camargo representa os traumas da escravização e do racismo e como esses eventos impactam a memória coletiva das populações Negras no Brasil.

Ao longo de vergonhosos três séculos e meio de escravização, milhões de mulheres e homens das mais variadas partes da África foram vítimas de um empreendimento colonial branco europeu calcado no latifúndio agroexportador e na mão de obra escravizada como força motriz dessa engrenagem. Nesse sentido, seres humanos foram traficados para o chamado Novo Mundo para trabalhar forçadamente nas lavouras. Falando especificamente do Brasil, após o advento da Lei Áurea, em 1888, essas pessoas foram simplesmente abandonadas pelo Estado, sem que uma integração efetiva fosse colocada em prática. Tal situação não mudou em nada com a Proclamação da República em 1889, visto que essas pessoas continuaram a viver à margem da sociedade, sem um auxílio efetivo e sem uma política que as incorporasse ao projeto de Brasil que se encontrava em construção. Na verdade, o que aconteceu foi exatamente o contrário, pois, entre o fim do século XIX e o início do XX, ganharam corpo na sociedade brasileira teses eugenistas que enxergavam nos descendentes de escravizados Africanos uma questão inconveniente a ser resolvida.

Um dos resultados desse movimento foi a ideologia do branqueamento, defendida por nomes como João Baptista de Lacerda, que, no Congresso Universal das Raças, sediado em Londres no ano de 1911, defendeu, no artigo *Sur les métis au Bresil (Sobre os mestiços no Brasil)*, a ideia de que a miscigenação era algo positivo para o país. Na concepção de Lacerda, como os Negros estariam num patamar de “inferioridade”, se comparados com os povos brancos europeus, ao cabo de pouco mais de um século, poderia haver o “branqueamento da raça”, dada a sobreposição da superioridade” branca. Todo

esse processo foi um dos responsáveis pela consolidação do racismo estrutural em nosso país, construído com base nas tentativas de desenraizamento e de apagamento de inúmeros referenciais étnicos-culturais. No caso específico das Negras e Negros que foram vítimas da diáspora forçada e da escravização em terras brasileiras, aqueles que nasceram, viveram e morreram durante o período em questão transmitiram essa sensação de corte e de apagamento violento das raízes a seus descendentes, o que viria, posteriormente, a se constituir como trauma coletivo. Cuti (pseudônimo de Luiz Silva) analisa com propriedade essa questão, ao apontar que para aqueles

[...] que nasceram, viveram e morreram na escravidão, o desenraizamento foi transmitido. [...] a violência e a negação, pelo escravizador, de sua identidade de seres humanos constituíram o trauma. Seus descendentes receberam aquele trauma através da transmissão de relatos orais, mas também, para os que tiveram acesso, por meio dos livros e da pintura. Contudo, a rejeição social do branco constituiu a atualização do que lhes veio na memória. Se a Abolição cuidou de extinguir a legalidade da escravidão, não excluiu o racismo e suas conseqüentes práticas discriminatórias, nem anulou outras sequelas da primeira. O sentimento de pertencer ao grupo dos escravizados no passado e discriminados no presente oscilará pelos motivos [...] que explicam o silêncio. (CUTI, 2009, p. 191).

É como forma de elaboração desse trauma coletivo da escravização e do racismo que pretendo analisar a obra de Oswaldo de Camargo neste texto, em meio a um Estado que continua a perpetrar gestos de violência, de negação e de apagamento. Se apagar e invisibilizar são gestos de negar ao outro o seu efetivo direito à voz, esse silenciamento impede que a elaboração do trauma seja realizada, como se Negras e Negros não tivessem direito a voz e, por extensão, a se expressarem por meio da linguagem. Todavia, num movimento de oposição a essa lógica, a literatura Negra se propõe à tarefa de romper com esses silêncios, com vistas a mostrar a coletividade Negra em toda a sua dinamicidade e a denunciar o apagamento pela representação da dor coletiva dos Afrodescendentes brasileiros. Nas próximas seções deste artigo, pretendo

demonstrar, a partir da análise de *A descoberta do frio* (2011 [1979]), em que medida a literatura Negra ecoa a memória das lutas coletivas contra a invisibilização concretizada pelo racismo.

## *2 Metodologia e viés teórico*

A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica. Optei por uma abordagem interdisciplinar que envolve os campos da Teoria Literária, dos Estudos Pós-Coloniais e da Memória, mas sem deixar de fazer um entrelaçamento entre essas áreas e aquilo que Walter Benjamin (1985 [1940]) chama de escovar a história a contrapelo. Tal ato significa refutar uma visão cristalizada responsável pela criação e disseminação de uma noção de história que sempre privilegia os chamados “vencedores”. Para Benjamin, quando se prioriza essa concepção calcada no dominador, perpetua-se a violência propagada por grupos dominadores (como no caso do empreendimento colonial no Brasil), o que permite que condições de opressão e de subalternidade sejam mascaradas.

No caso da literatura produzida por esses sujeitos invisibilizados é possível observar o trabalho de escovamento a contrapelo não apenas da história, mas, também, da própria literatura como instituição em que certas vozes (leia-se brancas e ocupantes de lugares de privilégio) são prestigiadas em detrimento de outras. Assim, a literatura a contrapelo seria aquela produzida por sujeitos considerados marginalizados e que apresenta uma proposta de subversão do que se conhece como cânone. É nessa chave que pretendo analisar a escrita de Oswaldo de Camargo, buscando compreender como, em sua escrita, são representadas a memória do sujeito Negro e a violência decorrente do racismo em todas as suas vertentes.

Sob esse prisma, é natural que o referencial com o qual essa literatura dialoga seja o do testemunho. Consideremos o Brasil como um país onde até

hoje não se estabeleceu uma política da memória e que sempre tratou a escravidão e a presença Negra no país como algo a ser negado, recalcado e afastado das vistas. O que restaria para o povo Negro se não a urgência do testemunho, já que a versão *oficial* nega aquelas violências? Aqui, observa-se uma lógica muito bem descrita por Grada Kilomba (2019 [2008]), a partir do desdobramento de alguns conceitos fundamentais presentes no trabalho de Melanie Klein (1932; 1933): a negação de fatos dolorosos, a culpa decorrente de uma angústia provocada pelo enfraquecimento do narcisismo da criança, e a reparação. A estes mecanismos, Kilomba acrescenta mais dois: a vergonha e a reparação. Segundo a pesquisadora, só é possível haver uma reparação do racismo caso o racista faça o devido reconhecimento, para, então, se desdobrar na culpa, depois na vergonha e, finalmente, na reparação. Porém, num país como o Brasil, não pode haver uma reparação efetiva, visto que o racismo estrutural opera na negação, e é aí que a literatura Negra se entrecruza com o testemunho.

Márcio Seligmann-Silva (2003; 2005; 2010) destaca que o testemunho se articula com base numa dinâmica que coloca, de um lado, a necessidade de contar a experiência vivida e, de outro, a percepção dos limites da linguagem diante de fatos trágicos e, conseqüentemente, inenarráveis. Na literatura de testemunho sobre a *Shoah*, por exemplo, aquele que testemunha sobreviveu aos campos de concentração nazistas e isso se deu, talvez, de um modo tão incompreensível que a morte meio que o penetrou, de maneira que esse indizível por excelência, que é nossa própria finitude, culmina numa recriação do real a partir de uma relação de fertilização e exclusão. Já na modalidade do *testimonio* na América Latina o que está em jogo são narrativas com vistas a dar voz aos oprimidos e subalternizados historicamente. No caso específico do Brasil e da total ausência de uma política da memória, o testemunho se relaciona à memória da escravidão, à luta contra o racismo e a uma tomada de posição cuja finalidade é dar voz às lutas coletivas do Povo Preto.

O testemunho é uma política da memória e, de acordo com Halbwachs (1990 [1950]), a memória individual se enraíza numa coletividade que a contingência dos acontecimentos tem o poder de aproximar, nem que seja momentaneamente. Desse modo, é nos eventos traumáticos que a memória adquire ainda mais importância. E aqui questiono a maneira como a diáspora, a escravidão e a própria abolição podem ser ressignificadas de modo a serem eventos/situações classificadas como limites, classificando a diáspora Africana forçada e o processo de implantação da escravidão no Brasil como eventos-limite, bem como a violência da metrópole branca portuguesa na repressão a tentativas de resistência por parte das Negras e dos Negros escravizados, como os quilombos. Num país marcado pela escravidão que durou 388 anos e onde o Negro ainda não tem pleno acesso aos seus direitos, a ponto de palavras e expressões associadas ao Negro, como *denegrir, empretejou, pretume, a coisa tá preta*, entre outras, serem usadas como formas de diminuir e subalternizar o Negro, as ideias de “democracia racial” e de miscigenação foram gestos políticos de apagamento da identidade Africana. O frio como metáfora de toda essa violência é a modalidade explorada na obra de Oswaldo de Camargo, conforme veremos a seguir.

### *3 Oswaldo de Camargo: caminhos e obstáculos para a consolidação da literatura Negra no Brasil*

Sendo um dos mais destacados escritores Negros dos últimos 60 anos, Oswaldo de Camargo possui uma obra vasta e transitou por vários gêneros textuais ao longo de quase seis décadas. Ele é tido como mediador entre a chamada nova geração de autores e os remanescentes de momentos anteriores da produção literária Negra no Brasil. Sua influência acabaria contribuindo para a elaboração dos *Cadernos Negros* (1978), coletivo de produções de autoria Negra que existe até hoje e que funciona com símbolo da resistência de

escritoras Negras e de escritores Negros que ainda encontram obstáculos para publicação de suas obras nas chamadas grandes editoras.

A trajetória de Camargo é bastante marcada por sua colaboração em diversos órgãos da imprensa Negra paulista a partir da segunda metade do século XX. Nascido em Bragança Paulista no dia 24 de outubro de 1936, Oswaldo é filho de um casal de trabalhadores da lavoura cafeeira e viveu no campo até os seis anos de idade, quando perdeu sua mãe. O interesse demonstrado, desde cedo, pela música e pelos estudos, bem como sua vocação religiosa, foram elementos decisivos para que o autor ingressasse no Seminário Menor Nossa Senhora da Paz, em São José do Rio Preto, local onde obteve vasta formação humanística e em que começa a ter consciência de que os outros internos o tratavam de maneira diferente por causa da cor de sua pele. Em 1952, aos dezesseis anos, Camargo compõe o livro de poemas *Vozes da montanha*, inédito até hoje. Logo depois, o escritor se muda para São Paulo, com o objetivo de continuar os estudos. Na capital do estado, trabalhou como organista na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, enquanto, paralelamente, colaborava no suplemento literário do periódico *Correio Paulistano*. Oswaldo também atuaria como revisor do jornal *O Estado de São Paulo*, tendo iniciado no veículo em 1959, ano, aliás, em que ocorre sua assim chamada estreia na literatura, com a publicação do volume *Um homem tenta ser anjo*, livro com poemas influenciados pela tradição católica.

O trabalho em diversas revistas e jornais da imprensa Negra paulista (como *Níger*, *Novo Horizonte* e *O Ébano*) foi decisivo para a produção literária de Camargo. Temas como a condição do homem Negro nesses espaços e as tensões inerentes a essa circulação (lembrando que a imprensa ainda era um território ocupado majoritariamente por brancos) marcam sua prosa e poesia de modo determinante e isso está diretamente relacionado à forma como se organizam as instituições que determinam o que sejam “as Letras” no Brasil. Isso porque tanto na imprensa quanto no mercado editorial brasileiro

observam-se uma herança colonial e traços do racismo estrutural e a escrita de Oswald de Camargo reflete muito bem esse contexto no qual o ato de escrever (e, por extensão, a voz) é negado a Negras e Negros. Nesse sentido, falando mais especificamente sobre a falta de espaços institucionais para que poetas e ficcionistas Negros consigam aproximar o chamado grande público de suas obras, o crítico Ricardo Riso aponta que

Publicar, para os agentes da literatura negro-brasileira, é até hoje algo de dificuldade extrema porque seus textos revelam viés de denúncia da situação de exclusão do negro na sociedade brasileira, de combate ao racismo e de assumir um sujeito étnico com identidade negra, e são assuntos que o grande mercado editorial não procura(ou) abordar ou incluir em seus catálogos. (RISO, 2017).

Zilá Bernd (1988) é outra estudiosa que se dedica à tarefa de compreender as razões pelas quais o mercado editorial nega espaços para a literatura Negra. Segundo a pesquisadora, tal fato está relacionado à existência de certas instâncias legitimadoras, que são responsáveis pela trajetória de obras e pelo acúmulo de fortuna crítica sobre elas. Assim, editoras e algumas correntes da crítica literária, muitas vezes lançando mão do pretexto da falta de qualidade estética, impedem que escritas em que ressoem as vozes dos oprimidos circulem e cheguem às mãos do grande público. Partindo de conceitos formulados pelo sociólogo Pierre Bourdieu, em seu trabalho *A economia das trocas simbólicas* (2007 [1971]), Bernd destaca jornais, revistas, editoras e livrarias como instituições responsáveis pelo surgimento de produções literárias e de autores, ao passo que à crítica e à historiografia caberia o trabalho de *reconhecimento* desses textos. Por fim, premiações e academias garantem a *consagração* de determinadas obras e o silenciamento de outras, principalmente aquelas que incomodam as instâncias legitimadoras. Desse modo, a *glória* ou o *fracasso* de determinadas obras dependem, também, de questões extraliterárias. Nas palavras de Thomas Bonicci

[...] a interpretação, o discurso e a escrita, intimamente ligados ao saber, são formas de dominação pertencentes aos poderosos e à classe hegemônica da sociedade. Portanto, a escolha e a interpretação de determinados autores e livros e, concomitantemente, a exclusão de outros, são tarefas poderosas executadas a partir de uma posição social que reflete a ideologia de quem julga e interpreta (BONNICI, 2011, p. 113).

É justamente contra essas instâncias legitimadoras e como instrumento de representação de sujeitos subalternizados e silenciados que a produção de Oswaldo de Camargo deve ser encarada, configurando-se como um marco da consolidação da literatura Negra no Brasil. Em seu trabalho, notamos, a partir da reminiscência, da autoficção e do testemunho, uma representação das tensões e dos percalços experienciados pelo Negro brasileiro. Os textos fazem com que o leitor se depre com um intrincado sistema poético-filosófico, que, por sua vez, se desdobra numa representação histórica que traz à tona temas diretamente ligados à condição Negra, que aflora num mundo dominado pela cultura e pelos valores do projeto colonial ocidental.

#### *4 Mas esse frio existe mesmo? A descoberta do frio e a representação da invisibilização promovida pelo racismo*

Ninguém sabia de onde viera o frio. Para uns ele já se havia instalado, desde muitíssimo tempo, no país e engordara, sem que as autoridades percebessem. Achavam outros que elas não viam razão para deter o frio de que alguns negros se queixavam, vez ou outra, em páginas de jornais ou em depoimentos aos estudiosos que pesquisavam os efeitos do friíssimo bafo. Existia o frio? Muitos duvidavam; outros queriam provas... Por isso, quando Zé Antunes apareceu na cidade, afirmando que no país soprava um frio que só os negros sentiam, e que, tinha certeza, tal frialdade, com seu gélido sopro, já fizera desaparecer um incalculável número deles, quase todos os que souberam de tal descoberta riram muito com a notícia. (CAMARGO, 2011 [1979], p. ??).

Este fragmento abre a novela de Oswaldo de Camargo e já dá a dimensão exata de como a invisibilização de Negras e de Negros será trabalhada na

narrativa, a saber, pela via da metáfora. Havia um frio de cuja origem ninguém sabia e esse frio atingia somente a população Negra da cidade em que se passam as ações do texto. Exatamente por isso, segundo a narrativa, algumas pessoas, entre elas autoridades, não viam razões para combater aquela estranha onde gélida, já que eram apenas os Negros que a sentiam. E mesmo aquelas pessoas que admitiam a possibilidade de esse frio realmente existir queriam provas. Todavia, de modo geral, a condição era minimizada ou comparada a uma sarna, que pode até coçar, incomodar, mas não mata. Até que a narrativa nos apresenta o protagonista Zé Antunes, que aparece na cidade e afirmar para todos que tem certeza da existência daquele frio que só os Negros sentiam e que o “gélido sopro [...] já fizera desaparecer um incalculável número deles [...]” (CAMARGO, 2011 [1979], p. 23). O personagem também acrescenta ser capaz de provar que o frio existe.

Vários elementos surgem apenas no exame de poucos parágrafos desse primeiro capítulo de *A descoberta do frio*: o frio que só atinge as comunidades Negras; a negação das autoridades do país; a indiferença de quem não era tomado por tal frio; e a minimização dos sofrimentos de mulheres Negras e de homens Negros, mesmo tendo Zé Antunes afirmado que o sopro gelado tinha feito pessoas Negras desaparecerem. Enfim, tudo isso aponta o tom adotado na narrativa, bem como suscita elementos para questionarmos a chamada história oficial, propagada pelos opressores. São eles que duvidam da existência de um frio que só atinge pessoas Negras e são eles que minimizam a onda gélida, pois, nessa ótica do colonizador, Negras e Negros não têm importância alguma, tampouco um frio relacionado somente a elas(es) deve ser uma preocupação das elites. Outro aspecto a ser ressaltado é o ato de o texto ter um narrador em terceira pessoa. Como não temos um narrador-personagem, responsável único pela condução do enredo, abre-se espaço para que mais vozes surjam e não apenas uma única, que poderia se sobrepor às outras. Aliás, se isso acontecesse, o texto não estaria fazendo uma espécie de alinhamento ao *modus operandi*

colonizador? A pergunta é pertinente, já que, se uma única voz é ouvida, e se é somente com base nela que o leitor fica sabendo dos desdobramentos, não teríamos aí um silenciamento das outras vozes?

Provavelmente sim. Nesse sentido, a novela tendo um narrador que enxerga por detrás das ações dos personagens sem, contudo, interferir de modo significativo nelas aponta para aquilo que Jean Pouillon chama de “visão por detrás” (POUILLON, 1974 [1946], p. 62). Tal ordenamento estético se configura quando o narrador procura se distanciar de um personagem para visualizar seus gestos, atos e, sobretudo, para ouvir (e permitir que o leitor ouça) suas palavras. Logo, quando o narrador se coloca nesse lugar,

[...] por um lado ele não se encontra em seu personagem, mas distanciado dele; por outro lado a finalidade desse distanciamento é a compreensão imediata dos móveis mais íntimos que o fazem agir; graças a esta posição, ele vê os fios que sustentam o fantoche e desmonta o homem. Em suma: não é o herói que se mostra ao romancista, impondo-lhe a visão que dele deverá ter; o romancista é que escolhe sua posição para ver o personagem (POUILLON, 1974 [1946], p. 63).

A visão por detrás é fundamental para vermos as ações de Zé Antunes sem nenhuma outra interferência. É ele que nos diz que o frio existe. É por ele que sabemos que o ar gelado fizera desaparecer um número incalculável de Negras e de Negros. É por meio de sua experiência que, num primeiro momento, o leitor é chamado a uma reflexão. Afinal, o que é sentir frio? O que significa uma Negra ou um Negro com frio? Ou um morador de rua sendo acordado com jatos de água gelada em seu rosto numa abordagem ordenada por um prefeito de uma conhecida metrópole, numa ação cujo objetivo era *embelezar* as ruas do centro da cidade? Assim como no texto de Oswald, a maioria das pessoas é indiferente a atos como os esses e é o racismo estrutural que provoca a indiferença nas pessoas, fazendo com que elas sequer se importem com as agruras dos outros. Afinal, se os brancos não o enxergam, se não o sentem, então o frio não existe e não será um “negro magro, alto, pixaim por onde nunca

andava pente” (CAMARGO, 2011 [1979], p. 23) que mudará a opinião geral. Ao lado do racismo estrutural e do testemunho que dele faz Zé Antunes, ainda que de forma metafórica, destaco o ponto de vista Negro, exatamente pelo fato de a trama falar de uma experiência dolorosa pela qual somente Negras e Negros passam (a ponto de muitos desaparecerem) e a linguagem Negra, marcada na palavra “pixaim” (cabelo crespo) empregada para descrever Zé Antunes.

Desqualificar o interlocutor, sobretudo se ele for Negro, é outra ferramenta do racismo estrutural e isso pode até mesmo se desdobrar na aceitação tácita do discurso colonial, como fica nítido nos comentários feitos pelos frequentadores do bar Toca das Ocaias, estabelecimento por onde circulam Negras e Negros de melhor condição social. Quando eles associam a fala de Zé Antunes ao hábito de ingerir bebidas alcólicas, a ponto de um dos fregueses do bar dizer: “– O frio de que ele tanto fala, ao contrário, deve ter vindo do bafo de conhaque, de que, convenhamos, Zé Antunes anda abusando” (CAMARGO, 2011 [1979], p. 25), o texto nos mostra como, muitas vezes, a ascensão social pode ser perigosa no sentido de promover a aculturação, que se apresenta quando Negras e Negros se esquecem de suas raízes ancestrais em nome de uma mobilidade social que pode, inclusive, alinhar posicionamentos dessas pessoas ao ideário do colonizador. Historicamente o discurso colonial associa aos Negros o hábito da embriaguez como forma de subalternizá-los ainda mais. Nesse sentido, quando a associação é feita por um Negro o dilema do embranquecimento e da aculturação como formas de, supostamente, superar a opressão é, mais uma vez, colocado. Todos esses aspectos somados ao fato de *A descoberta do frio* ser um livro de autoria Negra permitem inserir a novela no rol de obras que se colocam contra a literatura enquanto discurso constituinte, discurso este marcado por esferas de poder controladas pelos brancos. Literatura a contrapelo, portanto.

Em dado momento da narrativa o frio como metáfora do racismo e da invisibilização de Negras e de Negros é escancarado a partir da presença de

Josué Estevão, um jovem que é a personificação exata de como o empreendimento colonial trata o povo Negro como algo indesejado e que precisa desaparecer, nem que seja morrendo de frio:

Aproximava-se [...] batendo os queixos, um ruído seco que se ouvia a distância de metros. Retalhos de flanela enrolavam-lhe as mãos, a cabeça achava-se coberta com três gorros grosseiros de lã amarela, porém, o mais extraordinário: saíam-lhe do ténis várias tiras de couro de gato, imitando canos de botas. Subiam até a barriga das pernas de Josué. Magro, desajeitado, avançava com dificuldade, a cabeça pendida. Algo absurdo, algo inimaginável sob o calor de setembro. Via-se, grudada no rosto, brutal, a vergonha de se achar em tão esquisito molestarmento (CAMARGO, 2011 [1979], p. 27).

Josué Estevão é um personagem importante por vários motivos: primeiramente ele é quem primeiro sente os efeitos do frio; em segundo lugar é um frio que escancara a condição socioeconômica do personagem e, por extensão, a desigualdade social, pois, a julgar pelas suas vestes, ele não dispõe de dinheiro para se agasalhar da forma mais adequada; por fim, trata-se de uma friagem vergonhosa e comparada a uma doença. Como o frio em si não existe, mas sim, é uma metáfora do racismo desarticulador, a humanidade de Josué é destruída, a ponto de ele não conseguir falar, apenas ranger os dentes. Finalizando, temos o sentimento de vergonha estampado no rosto rapaz, o que constitui uma estratégia narrativa muito interessante.

Contudo, um lugar sem memória da violência perpetrada contra as chamadas minorias (Negras e Negros, Indígenas, Mulheres, LGBTQ+) é incapaz de reconhecer as atrocidades e fazer uma devida reparação histórica. O resultado? Muitas Negras e muitos Negros se sentem paralisadas e paralisados diante de tanta brutalidade, a ponto de se questionarem, talvez um tanto quanto envergonhados, o porquê de tudo aquilo. Josué não sente vergonha por ter sido acometido pelo frio, e sim, por algo que é construído como um não-dito. A vergonha procede da indiferença dos brancos diante do frio (racismo) e da incapacidade de reagir resultante de três séculos de escravização

que interferiram nas subjetividades Negras e, por extensão, na capacidade de articular, já que a palavra lhes fora negada.

Tanto foi negada que o recurso utilizado pelo narrador de *A descoberta do frio* é o da representação da desconfiança do médico branco diante do frio que Josué Estevão sente (escrever, desenvolver mais)

- Como é, garoto, como começou tudo isso? – perguntou doutor Lucas. E, já demonstrando simpatia por Josué, pôs-lhe a mão no ombro, detendo-a ali por alguns instantes.

- Ele não fala – explicou Carol -, é sempre esse treque-treque nos dentes. Ele não fala, e é isso que desespera a gente. (CAMARGO, 2011 [1979], p. 44).

O silêncio de Josué é fundamental para a estratégia de construção do enredo da novela, visto que o ato de não dizer se relaciona à incapacidade de elaborar a dor vivida e transmitir a experiência traumática por meio da linguagem, configurando, desse modo, mais um momento em que se destaca o teor testemunhal em *A descoberta do frio*. Muitos dos sobreviventes dos campos de concentração nazistas da Segunda Guerra Mundial optaram pelo silêncio em vez da exposição de suas memórias e as razões para eles se calarem são inúmeras: tanto a vítima pode experimentar um esmagador sentimento de vergonha por aquilo que viveu, quanto ela pode não estar preparada para narrar os episódios dolorosos. Vencer, pois, a barreira do silêncio se coloca como um desafio para os sobreviventes, desafio este que, às vezes, poder ser maior do que a necessidade de falar/escrever, haja vista as dimensões da história a ser contada. No entanto, narrar o evento é de fundamental importância, pois isso ajuda a vítima a organizar seu passado e retomar as suas lembranças para, então, poder “ter um alívio da carga traumática” (CALEGARI, 2019, p. 96). No caso de Josué, o silêncio parece carregar toda a dor de seus ancestrais escravizados, assim como a memória de Negras e de Negros

escravizadas(os) que foram mortas(os) e cujas experiências foram duplamente apagadas – morte e esquecimento.

Mais adiante, no capítulo “O Clube dos Escravos”, Zé Antunes relata ao personagem Laudino que ele é herdeiro da condição deslocada de seu bisavô. Nesse momento, ecoa de forma significativa a forma como ele faz isso, por meio da pergunta “Sabe quem sou?” (CAMARGO, 2011 [1979], p. 53). Emulando Luiz Gama em seu poema “Quem sou seu? (A bodarrada)”, de 1859, e evocando a herança ancestral de seu bisavô escravizado, Benedito Antunes, Zé estrutura e evidencia ainda mais seu pertencimento não pertencente, enquanto faz um relato sobre o Clube dos Escravos, lendo um texto para o colega e demarcando um momento em que a novela de Oswaldo faz um interessante contraponto entre ficção e história:

“Fato virgem nos anais da Escravatura: em 1881 instala-se em Rosana o Clube dos Escravos. Reuniram-se diversos deles para elegerem entre si a diretoria da nascente sociedade, que ficou sendo a seguinte: presidente, João Manoel, escravo do Coronel Francisco Emílio da Silva Leme; secretário, José Francisco, escravo de Dona Emília do Amaral; procurador, André da Silva, escravo do Capitão José Albano Ferreira. A sociedade tinha por escopo o desenvolvimento intelectual dos sócios por meio de leitura e fundação de uma escola noturna, o que desde logo se positivou, com esplêndida frequência...” (CAMARGO, 2011 [1979], p. 53 – aspas do autor).

Há uma seção de notas após o final de *A descoberta do frio* dando informações sobre o fragmento acima: trata-se de uma transcrição um pouco alterada do livro *Bragança – 1763 – 1942* (1943), de Néelson Silveira Martins e Domingos Laurito, obra que conta a existência real de um Clube dos Escravos na cidade de Bragança Paulista, fundado em 1881 e que representou uma tentativa inovadora de associação de Negros, ainda mais tendo em vista o contexto da época e as tensões decorrentes da luta abolicionista. Tais fatores nos dão a dimensão de como os elementos históricos e autobiográficos são importantes para a composição do universo da escrita de Oswaldo de Camargo,

pois, ao lado de uma leitura a contrapelo da história, eles são vitais para a construção de uma literatura que se coloca no campo oposto ao da assim denominada *alta literatura* - aqui compreendida na chave do discurso constituinte. O presidente e os secretários do Clube dos Escravos foram mesmo os escravizados apontados no trecho citado acima (Escobar, 2010, p 58). E se a própria criação da entidade era algo impensável naquele período, em que sequer se vislumbrava a abolição, imaginem, então, o Clube entre suas atividades o funcionamento de uma escola primária para escravizados?

Já outra entidade que emerge em meio à narrativa e que leva o nome de Federação era duramente criticada pelos membros da favela Boca do Esgoto pelo não cumprimento das promessas quando do advento da Proclamação da República, em 1889. Esse fato, mais uma vez, demonstra como ficção e fatos históricos se cruzam na escrita de Oswald de Camargo, dando vazão à escrita como forma de testemunho. A Federação é uma alusão aos vários intelectuais, poetas, ficcionistas e jornalistas Negros que se engajaram no movimento republicano e que viram frustrados seus ideais de construção de uma sociedade mais justa e com menos privilégios para os brancos. Em suma, para o povo Negro, o frio do racismo e da desigualdade. Para os brancos, os privilégios de sempre. E nem preciso reiterar que os livros *oficiais* que contam a história do Brasil não se debruçam sobre esse tema, sendo, então, fundamental, o trabalho de escovar a história a contrapelo e fazer ecoar o testemunho dos *vencidos*. E esse não será o único momento da novela em que se desenterrarão coisas tidas como indesejáveis para o poder constituído.

O testemunho de outro personagem, Padre Jubileu, é mais uma mostra de como a obra de Camargo é representante de uma literatura a contrapelo e foca no trabalho de deixar os mortos falarem para que se possa abrir um fio condutor para o questionamento da *verdade*. Quando o texto nos fala sobre Negros fugitivos fica evidenciada a referência aos quilombos. Todavia, assim, como o frio que marca o tempo no qual se passa a narrativa da novela, os

escravizados dos fictícios montes Piracaios tiveram sua própria *frente gelada* para enfrentar, no caso, os soldados da Coroa Portuguesa. A história contada pelo Padre Antônio Jubileu parece ser um compilado de vários relatos de resistência quilombola com tratamento ficcional que surgem em meio a um testemunho. Por exemplo, o ano de 1746 marca um fato em particular: o assassinato do Rei Ambrósio, líder do Quilombo do Ambrósio. Localizado entre as atuais cidades de Ibiá e Campos Altos, no estado de Minas Gerais, a comunidade, que, no seu apogeu, chegou a abrigar mais de 15.000 Negros, foi reestruturada após a morte do rei, vindo, no entanto, a ser definitivamente dizimada em 1759. Pensando nos dias atuais, a menção feita no texto às ossadas encontradas nos montes Piracaios imediatamente pode remeter aos inúmeros cemitérios de escravizados que foram sendo descobertos ao longo do processo de modernização do Brasil.

O teor testemunhal volta a ser preponderante já quando a novela se aproxima de seu desfecho, mais precisamente no capítulo “Sim, Houve Muitas Geadas”, no qual somos apresentados à figura centenária de Vovô Cumbuca, que relata a outro personagem, o Bispo de Maralinga (cidade fictícia) a maneira como o frio se manifestava como legado do período escravocrata. Tanto que, passados apenas 30 anos da abolição, já se tinha notícia de algumas *geadas*:

– Houve geadas em 1918. Eva, a avó de Vossa Excelentíssima, trocou por cobertores as terras recebidas de Sinhazinha. Houve muita geada. Muito moleque caiu enregelado nas estradas e ali começou a dormir para sempre. Sei de geadas, colheitas perdidas, os negros chorando, o patrão nos talhões, olhando cego, desgovernado. Sei de geadas, os cafezais carecas, os colonos mudando, puxando, após si, a filharada. Assim, partiu de “Sinhazinha” o pai de Vossa Excelentíssima, quando nós, em Cristiana, vos demos pouso. Tenho noventa anos, Excelentíssimo. Não se compara a situação de hoje com a de antigamente. Disseram-me, já antes, que eu devia falar a Vossa Excelentíssima. Vosso pai foi cria do meu pai, chegou molequinho, Vossa Excelentíssima nas fraldas, me lembro da madrugada em que Vossa Excelentíssima nasceu [...].

- Assim me falaram... Sim. Mas sou um velho, Excelentíssimo. Bebo, com os que sobraram, o meu chá com bolachas, conversamos, comemoramos os nossos grandes homens [...].

– Sim, houve naqueles tempos muita geada, fortes geadas. Muita geada...

As mãos de Vovô Cumbuca tremiam. E no interior do silêncio se poderia ouvir, no topete dos cafezais punidos, o ruído noturno das gotas de gelo. Vovô Cumbuca expusera o que sabia (CAMARGO, 2011 [1979], pp. 102-103).

Esse é o racismo que invisibiliza e faz vítimas desde que o violento processo colonial brancocêntrico foi implantado e trouxe, à força, mulheres Negras e homens Negros para serem escravizadas e escravizados no chamado *Novo Mundo*. Pessoas que sofreram todas as formas de violência e que, em 1888, foram abandonadas à própria sorte para enfrentarem o tal do frio do qual Vovô Cumbuca é testemunha. O ancião ainda destaca Luiz Gama e Machado de Assis (Camargo, 2011 [1979], p. 103) como representantes de uma escrita da contramão. Da denúncia. Do ato de colocar o dedo na ferida e demonstrar como o racismo no Brasil ainda é uma verdade incômoda e que as autoridades constituídas ainda se recusam a enxergar.

### 5 Considerações finais

Certamente, uma das coisas que o Brasil mais pode se orgulhar é de ser um dos mais bem acabados exemplos de sucesso na implantação do empreendimento colonial. Muito do que somos como nação (racistas, sexistas, homofóbicos, misóginos, machistas, intolerantes) passa por nossa herança de mais de três séculos de escravização e divisão abissal de classes. Fora os assassinatos e estupros de povos originários e de mulheres Negras e homens Negros. Tudo isso funcionou como uma política de Estado que privilegiava os brancos enquanto operava violentos silenciamento e invisibilização. No Brasil da falácia da democracia racial, o Negro pode até ser considerado “da família”, desde que permaneça em silêncio e, de preferência, no quartinho de empregada ou no quarto de despejo de que nos fala Carolina Maria de Jesus. Por isso é

importante refletir acerca dessas questões a partir de modalidades de pensamento que possibilitem a elaboração de outras memórias e de outras redes de produção de sentido, cavando escombros e escovando a história a contrapelo. É justamente esse o trabalho feito pela escrita de Oswaldo de Camargo, que redimensiona as coisas e traz o Negro para o centro, contando a sua história, rememorando seu trauma, (re)construindo sua memória coletiva e rompendo com padrões impostos pela cultura do opressor.

### REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas, volume 1: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERND, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BONNICI, Thomas. O cânone literário e a crítica literária: o debate entre exclusão e a inclusão. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre; PRADO, Márcio. (Orgs.). *Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura*. Maringá, EDUEM, 2011, p. 101-128.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos. São Paulo: Perspectiva, 2007

CADERNOS NEGROS, vol. 1. São Paulo: Quilombhoje, 1978.

CALEGARI, Lizandro Carlos. Trauma, memória e testemunho em *A vida e a luta de uma sobrevivente do Holocausto*, de Sabina Kustin. *Literatura e autoritarismo*, Santa Maria, n. 32, p. 97-98, jan. – jun. 2019.

CAMARGO, Oswaldo de. *Um homem tenta ser anjo*. São Paulo: Supertipo, 1959.

CAMARGO, Oswaldo. *A descoberta do frio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

CUTI (Luiz Silva). *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e Lima Barreto*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ESCOBAR, Giane Vargas. *Clubes sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial*. 2010. 207 f. Dissertação (Mestre) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

GAMA, Luiz. *Primeiras trovas burlescas de Getulino*. São Paulo: Ática, 1981.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação - episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KLEIN, Melanie. Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. In: *Obras completas de Melanie Klein, Volume I*. Rio de Janeiro: Imago, 1932.

KLEIN, Melanie. A psicanálise de crianças. In: *Obras completas de Melanie Klein, Volume II*. Rio de Janeiro: Imago, 1933.

LACERDA, João Baptista. *Sur le métis au Brésil*. Londres: Premier Congrès Universel des Races, 1911.

MARTINS, Néilson Silveira; LAURITO, Domingos. *Bragança: 1763 – 1942*. São Paulo: Coleção São Paulo Através da História, 1943.

POUILLON, Jean. *O tempo no romance*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.

RISO, Ricardo. É hora de ouvir os atabaques de dois poetas sem equívocos: Éle Semog e José Carlos Limeira. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/28-critica-de-autores-masculinos>>. Acessado em 16 out. 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. Revista psicologia clínica, Rio de Janeiro, PUC-RJ, vol. 20, nº. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05>>. Acessado em 31 out. 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.) *História. Memória. Literatura. O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 45-58.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho: entre a ficção e o 'real'. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura. O testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003, pp. 371-386.

Recebido em 31/10/2023.

Aceito em 25/04/2024.